

ÓCULOS ESCUROS

BEVERLY BECKHAM

Temos uma foto dele em algum lugar. É a foto de um garotinho de cinco anos com o coração partido, atirado num banco da Disney, tentando conter as lágrimas, os lábios tão tensos que quase dá para vê-los tremer, as orelhas de Mickey tortas.

Mas é possível que não tenhamos essa foto a não ser em nossa lembrança. Ainda assim, é a mesma imagem compartilhada por mim e por meu marido: um dia de sol, uma luz branca cintilando nas janelas da Main Street e refletindo dezenas de carruagens com rodas de cromo. Luz e calor bruxuleavam por todos os lados e nossos dois filhos clamavam por óculos escuros:

- Por favor, mamãe? Pai, por favor, por favor!

Entramos rapidamente numa loja e Rob escolheu óculos de Pato Donald, um troço de plástico azul e branco que escorregava do nariz, deixando-o mais parecido com o Tio Patinhas do que com o Pato Donald. Mas não lhe dissemos isso. Ele amava aqueles óculos. Lauren, já intensamente preocupada em andar na moda apesar dos três anos, escolheu óculos cor-de-rosa da Minnie porque vestia rosa naquele dia.

Saíram da escuridão da loja para a claridade do dia com os óculos no rosto, subiram a Main Street, atravessaram o castelo e entraram na Terra da Fantasia. Quando andaram no brinquedo do Peter Pan, tiraram os óculos e os seguraram, fazendo o mesmo no Piratas do Caribe.

De alguma forma, depois disso, talvez justamente quando saíram desse brinquedo específico, ou quem sabe quando parou para amarrar os tênis ou para ajeitar as orelhas do Mickey, ou quando paramos para almoçar, os óculos de Pato Donald desapareceram. E Robbie, que tinha cinco anos e amava aqueles óculos, chorou.

"Se você os amava tanto, deveria ter tido mais cuidado com eles", foi o que lhe dissemos. Ou alguma coisa do gênero. Imagino eu. Mas éramos jovens e pouco versados na arte de criar filhos e, afinal, não era para a gente lhe ensinar a cuidar de suas coisas? Não era nosso dever nos certificarmos de que ele compreendia que dinheiro não cresce em árvores?

Quanto custaram os óculos? Um dólar? Dois dólares? Que mal haveria em secarmos as suas lágrimas e dizermos: "Venha, vamos comprar outros. Sei que você não queria perdê-los." Será que ele teria se transformado numa pessoa do mal por causa disso? Teríamos nós o corrompido de alguma forma imprevisível?

Lauren disse:

- Você pode ficar com os meus, Robbie. - Mas ele não queria os óculos dela. Eram cor-de-rosa. Eram óculos de menina.

Os dele eram azuis, eram óculos de menino. E haviam sumido.

Ele os adorava e agora estava arrasado.

Se eu pudesse fazer tudo outra vez, teria voltado a Main Street, comprado outro par de óculos de Pato Donald novinhos em folha e fingido que os encontrara no chão. Eu teria berrado:

"Ei, olhe só o que achei!" E ele teria se levantado na mesma hora, corrido - rindo -, atirado os braços em torno de mim e colocado os óculos no rosto. E é assim que nos lembraríamos daquele dia.

Vivendo e aprendendo.

Há alguns meses, estávamos em Orlando, não exatamente na cena do crime, mas bastante perto. Nosso filho, há muito adulto, estava lá a trabalho e pegamos um avião para encontrá-lo. Em meio àquela agitação de carros alugados, restaurantes e deslocamentos para cá e para lá, adivinhe só? Ele perdeu os óculos escuros!

Não ralhamos com ele, nem ao menos nos passou pela cabeça dizer: se você gostava tanto deles, deveria ter sido mais cuidadoso. Todo mundo perde coisas o tempo todo. Em vez disso, fizemos o que a maioria dos adultos faz por outros adultos: tentamos ajudá-lo a descobrir onde os teria deixado e - imagine só - acabou por encontrá-los numa sala de reunião na qual estivera no dia anterior.

Tinha um sorriso estampado no rosto ao voltar para o carro.

Passos lépidos, olhos ocultos pelos óculos escuros, ele em nada lembrava aquele menino de cinco anos.

Exceto para mim.

Foi o meu primeiro filho e o primeiro sempre paga o preço mais alto por você ser nova naquilo, por seguir tudo à risca e não querer errar sendo boazinha demais. Mas aí acaba errando do mesmo jeito porque, na verdade: você lá sabe o que está fazendo?

Sei que, como pais, temos obrigação de ensinar aos nossos filhos. Mas também sei que nem tudo precisa ser uma lição.

Às vezes, óculos escuros são só isso: óculos escuros perdidos e nada mais.